

---

## **Ambiente urbano criativo e inteligente: a comunicação como um elo para o debate conceitual<sup>1</sup>**

Greice Pinto MEIRELES<sup>2</sup>  
Sara Alves FEITOSA<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

### **RESUMO**

Este artigo pretende contribuir com os debates que cercam as cidades na contemporaneidade, sob a perspectiva de construção das relações dos sujeitos entre si, com a criatividade e a tecnologia. Problematiza-se como os conceitos de Cidades Criativa e Cidade Inteligente articulados podem tecer ambientes cognitivos na cidade, no contexto da cibercultura. Tem por objetivo colaborar na discussão sobre as práticas da indústria criativa desenvolvidas na urbe, voltadas à cultura e engendradas pela tecnologia, cerne dos conceitos, como artifício de sociabilidade, além de discutir sobre as ambivalências. Estes envolvem o estabelecimento de modelos de gestão, os quais sugerem forças de ação. Trabalha-se a partir de revisão bibliográfica dos conceitos mencionados, articulando-os aos estudos da Escola de Chicago e à Cibercultura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade Criativa; Cidade Inteligente; Cibercultura; TICs; Comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

O ambiente urbano reflete as transformações das relações humanas e de produção técnica. Comporta uma estrutura física e cognitiva, nas quais uma diversidade de atores e instituições participam da sua manutenção, a partir de planejamento e adoção de políticas de desenvolvimento. Diante disso, surgem estratégias para fomentar este desenvolvimento da cidade, por vezes concebidos em outras realidades.

Em contexto de pós-industrialização, os países desenvolvidos passaram a perceber setores cujo elemento e insumo principal do negócio era à base da criatividade, assim surgiu a Indústria Criativa. Para preservar a diversidade cultural e contemplar tal desenvolvimento da tecnologia da informação, o governo australiano desenvolveu uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, da Universidade Federal do Pampa (PPGCIC/Unipampa), e-mail: [meireles.greice@gmail.com](mailto:meireles.greice@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, da Universidade Federal do Pampa-Unipampa (PPGCIC/Unipampa), e-mail: [sarafeitosa@unipampa.edu.br](mailto:sarafeitosa@unipampa.edu.br).

---

política visando o papel do Estado no desenvolvimento cultural do país. Em 1998, o Departamento de Cultura, Mídia e Esporte britânico (DCMS) conceituou Indústrias Criativas como: “aquelas que têm sua origem na criatividade individual, habilidades e talentos que têm potencial de riqueza e criação de empregos através da geração e da exploração da propriedade intelectual” (DCMS, 2001, p. 05).

Esta indústria implica no reposicionamento e revitalização de processos de desenvolvimento também no contexto urbano, pois as práticas dela florescem em um espaço físico específico, assim iniciam-se estudos direcionados a regiões, cidades e espaços determinados dentro delas. Cria-se o conceito de Cidade Criativa, concomitantemente, ao de Indústria Criativa. A proposta era ampliar a discussão para além do campo das artes e cultura no planejamento para o desenvolvimento da cidade, ao investigar o sentido de uma Cidade Criativa e como a criatividade tornou-se mais relevante por nutrir as chances de impulso econômico e despertar mobilização cidadã a fim de resolver os inúmeros problemas urbanos.

Nesta mesma linha, a Cidade Inteligente traz a discussão de como utilizar a tecnologia, o conhecimento e o recurso intelectual para desenvolver os municípios no sentido de torná-los mais sensíveis às necessidades daqueles que o habitam. Uma cidade pode se definir “inteligente” quando investe em capital social e humano, além de integrar comunicação tradicional e moderna como combustível para o desenvolvimento econômico e qualidade de vida, com esperteza para gerenciar os recursos naturais e possibilidade de maior participação popular nas decisões do governo. O pesquisador Nicos Komninos, diz que está posto “um novo paradigma de desenvolvimento e planejamento da cidade surgido da atual onda de globalização, emergência das tecnologias, virtualidade e inteligência coletiva da web” (KOMNINOS; SEFERTZI, 2009, p. 01). São os mesmos aspectos motivadores da Cidade Criativa, porém, a ênfase maior está no uso intensivo das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Ambos os conceitos organizam estratégias de desenvolvimento territorial, mas não são suficientemente problematizados no Brasil. Dessa forma, refletir sobre eles pode contribuir de modo significativo para o avanço dos estudos nesses campos teóricos e para a formulação de políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento de territórios criativos e inteligentes voltados não só para as consequências e benefícios econômicos, mas do retorno social. Neste sentido a Comunicação pode contribuir, na medida em faz

---

o elo entre os sujeitos e a constituição das suas relações atuais com o mundo, sob as configurações sociais locais, de planejamento, de crescimento e gestão do ambiente urbano, capaz de participar e orientar processos participativos e democráticos. Desse modo, neste trabalho propomos uma reflexão sobre como os conceitos de Cidade Criativa e Cidade Inteligente articulados, bem como o papel da comunicação na constituição de ambientes cognitivos na cidade, em função do contexto da cibercultura.

### **Cidade Criativa, Cidade Inteligente e suas ambivalências**

O combustível da Indústria Criativa é a criatividade, de fonte inesgotável e intangível, ganhou espaço no mercado, pela versatilidade, potencial de criação tanto de ideias como soluções. Para Fayga Ostrower (1987, p. 09), o ato criador é “formar algo novo”, abrange a “capacidade de compreender, a de relacionar, ordenar, configurar, significar”. Segundo a autora, a mente humana passa a estabelecer relações através de suas experiências, bagagem de conhecimento e cultura, que permitem atribuir significados, perceber e antecipar mentalmente situações e até antever problemas e logo soluções. Vista como matéria-prima da Indústria Criativa, na produção de bens e serviços simbólicos ou não, incorpora também em si, o uso das novas tecnologias da informação e comunicação.

Conceito incipiente, possui classificação e modelos distintos, de acordo com o nível de desenvolvimento visado pelas instituições. A Organização das Nações Unidas (ONU), na Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), definiu a Indústria Criativa para além da criatividade envolvida no processo, passando-a de atividades que possuem um sólido componente artístico para “qualquer atividade econômica que produza produtos simbólicos intensamente dependentes da propriedade intelectual, visando o maior mercado possível” (2012, p. 07).

Qual é o espaço usado para as práticas da Indústria Criativa? Se vão gerar reflexos na organização social, política e econômica, estas práticas florescem em um espaço físico, que também é modificado em função destas. Com a maior concentração de pessoas no ambiente urbano, é nele que as atividades criativas se disseminam. Uma cidade ao abrigar essa criatividade e até ser denominada como “criativa”, precisa ser

---

analisada em um prisma de interesses, como produzir mais, atrair novos negócios e pessoas, bem como se apropriar culturalmente de seus espaços. O que leva uma cidade a ser considerada como tal ainda faz parte de um processo em discussão. O arquiteto e pesquisador britânico, Charles Landry, define:

[...] uma cidade criativa deve ser criativa por completo, de modo transversal a todos os campos, muito além das indústrias criativas ou da presença de uma classe criativa. Minha lógica tem sido que os outros setores ou grupos, como a classe criativa, só podem florescer quando a administração pública é imaginativa, onde há inovações sociais, onde a criatividade existe em áreas como saúde, serviços sociais e mesmo política e governança (LANDRY, 2011, p. 10).

O autor coloca pontos a ser considerados como a valorização da cultura, conexão e gestão adequada desses recursos e potencial de desenvolvimento econômico. Assim como, criar políticas públicas transdisciplinares, estimular a participação cidadã, bem como reformular o sistema de educação e aprendizagem, incitar a criatividade, já que esta adentra em todos os demais campos. A forma como lida com infraestruturas *hard* (estrutura física: bairros, parques, edifícios, casas) e *soft* (que diz respeito à capacitação de trabalhadores para pensar, criar e inovar de forma dinâmica), as quais promovem as ideias para atrair indivíduos que buscam conhecimento, incentivar o uso de espaços abandonados, criar locais de convívio, manifestação e busca de soluções criativas em toda sociedade e economia.

Florida (2002), coloca as condições como indicativas para o desenvolvimento de um local criativo, os “3 Ts”: tecnologia, talento e tolerância. A tecnologia por ser o principal estímulo da ampla transformação social, se encontram iniciativas, inclusive financeira, à Pesquisa e Desenvolvimento, inovação relacionada à tecnologia de ponta, centros universitários e criatividade técnica e científica; o talento relacionado diretamente ao capital intelectual e a própria classe criativa, por fim, tolerância à diversidade, corresponde a índices de atitude, direitos individuais e de expressão.

Um estudo para o Ministério da Cultural de Portugal resultou em um relatório, denominado “Sector Cultural e Criativo em Portugal” (MATEUS, 2010) diz que alavancar o setor cultural influi e contém tanto aspectos econômicos e sociais, assim tende a refletir no ambiente urbano, que da mesma forma precisa entender essas relações. O relatório (2010, p. 10) observa que as abordagens de cidades criativas são

---

utilizadas como estratégia de desenvolvimento regional e urbano, cuja conotação a ser superada é quanto à visão polarizada de crescimento, que se apoiam em moldar a função da cultura nas sociedades modernas enquanto: fator estratégico de competitividade; setor gerador de emprego e riqueza; meio de reforço da cidadania; alavanca de coesão social e territorial; e, veículo de afirmação internacional das comunidades.

A pesquisadora brasileira, Ana Clara Fonseca Reis (2012, p. 70), identifica a inovação, fruto da criatividade, como elemento importante no conceito de cidade criativa, pois atinge a todas as ordens, desde criação de uma moeda circulante em uma determinada comunidade até outras formas de organização em comunidade, formação de centros culturais civis ou empreendimentos tecnológicos.

A cultura e as atividades criativas no ambiente urbano podem alcançar tais objetivos desde que seja impulsionada pela população, pois os habitantes precisam se sentir pertencentes ao processo para que não se torne uma cidade “estetizada” pelo “capitalismo artista”, conforme Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015). Os autores observam as relações que se põem na cidade pelo viés do consumo, surgimento de um contexto em que a ordem econômica prevalece e utiliza a estética enquanto manifestação da beleza, do natural, do bem estar, carregada de sensibilidade e harmonia, como recurso dessa ordem. Desse modo, configura-se a predominância de um “sistema sócio-econômico” que enfeia o mundo, por padronizar as cidades, os ambientes, processos e cotidiano, visando ao lucro, guiando os indivíduos a uma era de consumismo, egoísmo e esvaziamento do real sensível. A tendência de homogeneização, em que todos os lugares seguem as mesmas “receitas” e dão a sensação de que se estar no mesmo lugar.

De acordo com Lipovetsky e Serroy, a estetização do mundo a partir do espaço urbano acontece quando o foco da cidade está em proporcionar experiência a serem consumidas pelos indivíduos, “a cidade franquias, caracterizada por uma saturação do mundo pelos locais comerciais e criadora de um universo urbano e arquitetônico sob a influência do mercado” (2015, p. 223), assim os ambientes urbanos são inundados por shoppings, lojas, letreiros, vitrines, cafés e bares, empreendimentos comerciais.

Outro movimento no âmbito das cidades são quanto ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), que passam a ser vistas como a chave da engrenagem de diversos movimentos em prol do bem estar social. Permitem

---

ações que refletem diretamente no cotidiano das cidades, sem até serem notadas, vão se tornando importantes e grandes facilitadoras, como a proliferação de dados e cruzamento deles, podem identificar problemas e prospectar estratégias mais eficientes. Contexto em que surgem as Cidades Inteligentes. Segundo o pesquisador norte-americano, Anthony Townsend, especialista em aplicações de tecnologias nas cidades e instituições públicas, Cidades Inteligentes podem ser entendidas como:

[...] lugares onde a tecnologia da informação é manejada para abordar antigos e novos problemas. No passado, construção e infraestrutura desviavam do fluxo de pessoas e bens rigidamente, de maneira predeterminada. Mas cidades inteligentes podem se adaptar em tempo real, a partir da leitura de vastos conjuntos de sensores, fornecendo os dados em software que pode dar uma visão ampla da cidade e favorecer para tomar medidas pontuais (TOWNSEND, 2013, p. 58-59, tradução nossa)<sup>4</sup>.

A ideia é que as novas tecnologias da informação funcionem como o sistema nervoso da cidade e no mínimo conflito ou desgaste, possa gerar alerta. A noção de inteligência das cidades agrega as ferramentas da cidade digital mais o capital humano e social, produtores de conhecimento, informação e criatividade, e de ativos essenciais.

Tanto Townsend (2013) como o pesquisador brasileiro André Lemos (2015, p. 26) mencionam a conectividade das coisas/objetos – Internet das coisas – e o tratamento de um volume de dados em rede – *Big Data* – como os principais instrumentos utilizados na inteligência das cidades. As iniciativas focam o uso das TICs e a conexão entre todas as coisas, assim além das pessoas estarem conectadas, os objetos também estão, para aprimorar e contribuir, significativamente, seja na vida ou trabalho das pessoas em certa região. Santaella (2016, p. 33) avalia que os *big datas* são ferramentas “imanescentes para suportar a vida urbana”, que oportunizam repensar uma “governabilidade a partir de um modelo mais aberto, transparente, democrático e responsivo” (2016, p. 33-34), mas que há ambivalências, das quais o ponto de contraste está na vigilância e controle da privacidade, no “rastreamento de nossas experiências vividas” (2016, p. 35), tudo o que consumimos, nossos interesses e hábitos geram dados e relatórios, porém não temos a dimensão de quem terá acesso a eles.

---

<sup>4</sup> “Smart cities are places where information technology is wielded to address problems old and new. In the past, buildings and infrastructure shunted the flow of people and goods in rigid, predetermined ways. But smart cities can adapt on fly, by pulling readings from vast arrays of sensors, feeding that data into software that can see the big picture, and taking action.”

---

O Índice De Cidade Inteligente – Portugal (SELADA, 2012), define Cidades Inteligentes “como gênese a utilização de tecnologias de informação e comunicação para promover a competitividade econômica, a sustentabilidade ambiental e a qualidade de vida dos cidadãos” (SELADA, 2012, p. 09). Sob essa lógica, caracteriza cinco dimensões para uma cidade inteligente: Governança, Inovação, Sustentabilidade, Inclusão e Conectividade.

A **Governança** corresponde às formas de participação pública, disponibilidade de serviços públicos digitais e os processos de simplificação e modernização administrativa, assim como transparência de gestão e existência de políticas urbanas estratégicas para o desenvolvimento. A **Inovação** diz respeito ao incentivo do empreendedorismo, ao investimento e o emprego municipal em Inovação & Desenvolvimento, o emprego nos setores associados às tecnologias de informação e comunicação, a existência de infraestruturas e a cooperação tecnológica; bem como a economia verde, no sentido de formular tecnologias de performance ambiental, fomento a economia criativa e economia social. **Sustentabilidade** seria pensar práticas e análise de diversos fatores críticos de otimização e melhor utilização da biodiversidade e ecologia, purificação do ar e redução de emissões, uso da água, resíduos e energia, construção de edifícios e vias de mobilidade. **Inclusão** se refere aos fatores: coesão social, diversidade social e cultural, empreendedorismo e inovação social e inclusão digital. Neste âmbito não se consideram apenas as preocupações com a exclusão social, mas também com o livre acesso aos bens e serviços culturais e criativos. Para além das dimensões econômica, social e ambiental, a cultura é assumida como o quarto pilar do desenvolvimento sustentável. Já a **Conectividade** propõe indicadores relativos às redes territoriais e às tecnologias de informação e comunicação ou redes digitais.

André Lemos (2015) como pesquisador no Brasil sobre Cidades Inteligentes já aponta desafios nesse sentido, até porque a partir dos três modelos de cidades inteligentes, identificados em seus estudos (*made from scratch*, centralizada e descentralizada), todos têm falhas a serem superadas, sendo a centralizada observada como mais promissora, mas que também precisaria da abertura, não podendo ser instituída de cima para baixo. Por tais observações, salienta-se que as cidades são demasiadas diversas para se conceber uma sistematização ou propor um modelo entre todas, então o relatório “Sector Cultural e Criativo em Portugal” propõe a designação de



---

“capital territorial, para considerar as relações entre território, agentes e ambientes criativos” (MATEUS, 2010, p. 18).

Nesses termos, qualquer cidade, seja grande ou pequena, pode ser criativa na medida em que adequar seus recursos inovadores, de conexão e de cultura as suas respectivas realidades e se pautar por um modelo de qualidade de vida no ambiente urbano. São atribuídas muitas funções a cultura, como se pudesse ser o instrumento que solucionará todos os problemas de uma cidade ou sociedade, mas ela, tem que ser pensada em singular, como um elemento a ser apropriado, fomentado nos mais diversos âmbitos e variadas expressões, de maneira que os cidadãos possam ser participantes desse processo e também beneficiários.

Assim, precisam ser planejadas e articuladas dentre todos seus componentes, repensando suas lógicas, para agir com a finalidade de identificar novas oportunidades na convergência pelo bem estar social. Pensar estes aspectos dos conceitos de cidade criativa e inteligente no Brasil e ainda mais nas regiões do interior é pertinente, mas devemos evidenciar a complexidade devido às desigualdades entre as regiões, além das desigualdades dentro do próprio território.

### **Cidades e ambiente cognitivo: o elo comunicacional**

A comunicação pode ser entendida como condição humana, um estado que os seres humanos desenvolvem de forma genuína, faz parte da constituição social do indivíduo, inclusive é fundamental para garantir e manter a existência dele em sociedade. Outro sentido é quanto à associação mais restrita aos meios de comunicação, mencionam-se aparatos, ferramentas e estratégias de transmissão de informações, mensagens ou conteúdos, que são as mídias. Mas pode-se falar em estabelecimento do processo comunicacional, fenômeno que produz percepções individuais e coletivas, as quais se manifestam no próprio ambiente em que vivem como a cidade.

Durante a década de 1920, a tendência de estudos denominada Escola de Chicago, orientada por uma sociologia das relações ou uma sociologia urbana, em que o interesse dos pesquisadores era “pelo particular e pelas pequenas ocorrências da vida cotidiana – tendo sido especialmente afetados e tematizados pela própria cidade onde viviam” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 84), entende-se que o constituir a partir da



---

cidade interfere na construção privada e na vida diária do indivíduo, mas este também é agente de interferência no ambiente em que está inserido.

Dentre os autores da Escola de Chicago, as discussões de Robert Park são fundamentais para o trabalho em curso, as indagações dele consistiam na importância do veículo de comunicação, especificamente o jornal, na composição da “teia urbana” e na formação de públicos, da opinião pública, com base nos modos de interação e comportamento humano na cidade, na intenção de compreender de que maneira a comunicação emerge em suas reflexões. No cenário atual, a mídia se reformulou enquanto técnica, formas de engajamento, participação e alcance, sendo intensificado o processo de apropriação destes, com novas possibilidades de ressignificação e disseminação. A comunicação, independente de qual for o veículo, desde sempre é um elemento presente nas relações que compõem a cidade, é neste sentido que os estudos de Robert Park podem contribuir para a compreensão do cenário contemporâneo.

Para os autores da Escola de Chicago há quatro elementos envolvidos no cenário social urbano: a cidade, as pessoas, as interações e a comunicação, como o elo integrador deles. Primeiro, as pessoas enquanto integrantes mínimos e únicos de uma sociedade, são sujeitos dotados de maneiras de agir e particularidades, o indivíduo “é um ator social, responsável por ações e representações. Indivíduos não são seres reatores, “criados” pela sociedade (moldados por ela). Eles são sujeitos; a sociedade é resultado da ação conjunta de sujeitos (a sociedade são sujeitos em ação)” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 93), unidades singulares de um todo, sujeitos, mas não sujeitados, participantes ativos naquilo que querem para si e para os demais.

Assim, a sociedade compreende “um aglomerado de comportamentos cooperativos, de ações referenciadas por parte de seus membros” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 94), na qual uma das formas de convivência da sociedade humana é a expectativa e a interpretação do comportamento do outro, que dependentes da ação, não derivam apenas da resposta a um ato ou estímulo do sujeito, mas no processo de interação, há a leitura do que o outro está querendo passar. Nem sempre a externalização das intenções são verbais, ou o que se fala/vê/escreve/gesticula é o que se quis manifestar literalmente, levando um esforço maior do outro para compreensão, sendo que cada um tem processos de referências e de significação próprios, frutos do contexto cultural, de vivências e de experiências de cada sujeito. Neste sentido,

---

enquanto seres cooperativos, uma das contribuições da Escola de Chicago foi evidenciar a distinção dos seres humanos em relação a outras espécies, que também estabelecem cooperação em comunidade, que é a capacidade de interpretação. É a partir da interpretação, alegam os estudiosos de Chicago, que os seres humanos cooperam em sociedade. Assim, a interação apresenta-se como elemento constituinte do sujeito e da sociedade, nesse processo de interação parte considerável de tal intercâmbio social é realizado no contemporâneo através de dispositivos tecnológicos de comunicação.

Por que a cidade? Porque é o campo formal de ação dos sujeitos, onde confluem todos esses processos. É considerada um agrupamento civilizatório organizado, eixo de uma sociedade. A própria história da humanidade tem pontos referenciais de localização, pode-se dizer que são a origem da civilização e da cidadania, pois enquanto assentamento permanente constituído por pessoas, organizam-se, criam suas tradições, identidades, sentimentos, pertencimento, processos de sustentabilidade e desenvolvimento. Assim, de acordo com França e Simões (2016), Park observou que a cidade está associada à dinâmica de mudança, ao ideal de progresso, à mentalidade racional, a modos de vida, lugar de trocas, estabelecimento de interconexões (teias), estrutura viva e orgânica, criadora de um conjunto de representações e imagem. Nesse sentido, a percepção da Escola de Chicago é de “pensar a cidade como um todo organizado (um grande organismo), mas com atenção especial para as conexões, para os sentidos instituídos na convivência múltipla e diferenciada do urbano” (FRANÇA; SIMÕES, 2016, p. 87), se é composta por seres vitais, que escolheram aglomerar-se, dotados de inteligência, a cidade refletirá as composições destes como sociedade.

O filósofo francês Henri Lefebvre (2011, p. 12), definiu cidades como “centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos)”, uma estrutura complexa, “a cidade conserva um caráter orgânico de comunidade, que lhe vem da aldeia, e que se traduz na organização corporativa” (LEFEBVRE, 2011, p. 13), ou seja, uma determinada localidade acomoda um corpo social vivo, que se transforma em decorrência das interconexões.

Pode-se dizer que são os processos comunicativos que tecem essa rede múltipla e complexa, também constituem a cidade, a cultura e a sociedade, nos quais os meios de

---

comunicação são percebidos como elos dessa rede, como mediadores do processo social, porta de significados, articuladores de valores e consciência coletiva.

Para Lemos, a própria ascensão das TICs pode ser considerada um “empoderamento” social, “mais que simples inovações técnicas, o nascimento da microinformática (e da cibercultura) é fruto de movimentos sociais” (LEMOS, 2010, p. 105), quando se analisa que tais instrumentos inicialmente criados para fins de controle, segurança e pesquisa militar, passam a ser apropriados e geram invenções para o uso civil. De acordo com Lemos (2010), a atitude de popularização da tecnologia e oposição ao poder tecnocrático de centralização e posse de informação, influenciadas pela contracultura americana, é um mérito da cibercultura. Há uma comoção e empenho social pela participação e acesso a essas tecnologias, para que na decorrente configuração da sociedade, as TICs “não devem servir como máquinas de calcular e de ordenar, mas também como ferramentas de criação, prazer e comunicação; como ferramentas de convívio” (LEMOS, 2010, p. 106), sem ser meras extensões do homem ou mediadoras de ação, tem-se apropriação e reformulação do modo de sociabilidade, pois “são espaços existenciais de produção de sensações do vivido coletivamente” (LEMOS, 2010, p. 106), assim “o que conta para a invenção do mundo da vida não é simplesmente o útil ou o funcional, mas este universo simbólico que enraíza-se em espaços do vivido” (LEMOS, 2010, p. 106), embora exista imposição sistêmica de uso funcional, mas os indivíduos estabelecem táticas para práticas cotidianas de desvios e conforme as próprias conveniências.

A cibercultura se estabelece por uma condição pós-moderna da sociedade, que deve lidar com questões de socialidade, transformações, relação com a técnica e a própria faculdade do ser humano de atribuir sentido às coisas através das capacidades de cognição. Na condição técnica, de acordo com Lemos (2010), a cibercultura busca reverter a formatação organizada e padronizada características de um sistema tecnológico, na medida em que a entende como cultural, pois ao removê-la desta instância restaria um mecanismo técnico isolante e homogeneizante, afastando das ações da vida, sendo que, para o autor, é esta consideração da vida social que a falta às correntes críticas, já que a cibercultura pretende romper com o vago mundo racional, objetivo e apático das tecnologias. O autor expressa que tomando as ferramentas técnicas como formas de promover atitudes culturais em sociedade, estas deixam a

---

condição a ermo e neutra, mas contribuem na ressignificação que os indivíduos fazem dos processos sociais, nos quais elas participam.

Para Lemos (2015, p. 30), “a ‘técnica’ deve ser vista menos como substantivo e mais como movimento de composição de humanos e não humanos, no qual sujeito e objeto se constroem mutuamente”, a visão de superioridade de um pelo outro carece ser superada, tanto indivíduos, dotados de inteligência, quanto autômatos, também dotados de inteligência, de tal modo esta não é essência do processo, mas colaboram numa relação aberta e em movimento. Assim, segundo o autor, os dispositivos técnicos precisam ser entendidos como um “ator-rede”, cuja associação cinética interfere e sofre interferência dos demais vínculos combinados. Conforme a TAR, “o social não seria o que explica, de fora, as associações, mas aquilo que emerge das mais diversas mediações entre humanos e não humanos” (LEMOS, 2015, p. 39) o que o autor coloca é a proliferação de híbridos e que estes ficam em um regime de invisibilidade.

Portanto, Lemos, a partir de Latour, propõe superar a visão essencialista da técnica e antagônicas de utopia e pessimismo pela noção de mediação, pois esta traduz a relação dos envolvidos em uma rede dinâmica que compõe a vida social. Assim, de acordo com Latour, aplicar essa percepção é refletir que as “técnicas têm significados, mas elas os produzem por uma via especial de articulação que cruza as fronteiras do senso comum entre signos e coisas” (LATOURE, 1994, p. 38).

Um outro elemento que compõe o contexto de urbe e TICS é o fenômeno da ubiquidade. Lucia Santaella (2013, p. 17) usa a definição de Araujo para compor seu entendimento da condição ubíqua, assim “entende-se por ubiquidade a coordenação de dispositivos inteligentes, móveis e estacionários para prover aos usuários acesso imediato e universal a informações e novos serviços, de forma transparente, visando aumentar as capacidades humanas”, a onipresença comunicativa promovida pela combinação da computação móvel e pervasiva, que embora utilizadas como sinônimos têm diferença quanto ao gerenciamento de serviços.

Santaella (2013, p. 128) fala da ubiquidade possível a partir da utilização de câmeras digitais (podemos atualizar a ideia a partir do uso de *smartphones*) para captura fotos, com capacidade de registro ao mesmo tempo em que está se vivendo. Esta narrativa cotidiana da vida, “a qualquer hora, em qualquer lugar”, não se dá apenas em imagem, mas pela escrita textual, a exposição do que acontece e do que se pensa no

---

mundo particular do indivíduo, cujo “viver e registrar o vivido sobrepõem-se temporalmente” (SANTAELLA, 2013, p. 128).

Na questão urbana, Santaella (2013) diz que a interface de sensores urbanos enquanto mediadores das pesadas conexões informacionais servem para adaptar e reconfigurar as práticas coletivas, e que o esforço em organizar essa experiência faz a cidade ser produtora de sociabilidade e integradora de criatividade. Para Santaella (2013, p. 70), “a cidade feita de espaços interfacetados passou a ser uma arena de informações ubíquas e ações performativas executadas por indivíduos estendidos e mediados por essas interfaces”, para dar conta criam estratégias instituídas, táticas civis de desenvolvimento urbano e para aproveitar o potencial de uso da criatividade e tecnologia disponível, surgem conceitos que exploram tais potencialidades como o de Cidade Criativa e Cidade Inteligente.

Portanto, para compreender a ubiquidade da vida *online* é importante observar estes aspectos que permeiam as relações contemporâneas, dos seres humanos, espaços e lugares, tempo e as formas de coexistência e gerenciamento a partir das tecnologias, bem como estas participam do funcionamento da interface urbana, como trazem um aspecto significativo de incentivo à participação, dão abertura para a aplicação da inteligência, criatividade e troca de conhecimento. As TICs são utilizadas como instrumentos políticos e sociais, dessa forma transformam o ambiente permitindo uma atmosfera de inovação, criatividade e produção de conhecimento.

### **Considerações finais**

Ao finalizar este artigo, buscou-se lidar com as noções implicadas as Cidade Criativa e Cidade Inteligente articuladas e suas ambivalências, além de perceber como podem tecer ambientes cognitivos na cidade, em função do contexto da cibercultura.

Sobre os conceitos de cidades criativas e cidades inteligentes abordados, na verdade, tem-se um grande número de conceitos produzidos sobre as cidades, estes, muitas vezes, acabam funcionando como rótulos para atrair investimento, aquilo que uma gestão específica ou interesses de atores influentes na cidade pretendem transmitir como imagem. A partir daí, pensa-se em uma série de parâmetros, políticas, atitudes inclusive das pessoas que vivem nas cidades e que a caracterizariam como tal.

---

Evidentemente, que a cidade criativa ou inteligente são horizontes, cenários a ser atingidos, pois a urbe pela sua complexidade e diversidade dificilmente será cidade criativa ou inteligente na sua totalidade. Também, deve-se considerar a diversidade de atores e interesses em um espaço territorial.

Dessa forma, a comunicação configura-se como um elo, na medida que é axiomática a participação na construção cognitiva e de inteligência dos sujeitos, que a partir de mudanças comportamentais e envolvimento colaborativo dos mesmos enquanto cidadãos ativos nos processos de construção, inclusive contando com a contribuição das TICs para gerar um montante significativo de informação e dados, que até auxiliam na gestão governamental do espaço em que estão inseridos. A comunicação é capaz de criar ambientes cognitivos em lugares, como na própria cidade e nela espaços híbridos, uma cidade mais sensiente (SANTAELLA, 2013), onde seres humanos e TICs convivem simbioticamente. Embora se tenha que lidar com questões ainda não balizadas, como a aprendizagem e acesso a ferramentas, capacidade crítica e de conhecimento, enquanto cidadãos inteirados sobre as funcionalidades das mídias digitais, bem como superar as desigualdades sociais e de regiões, a exclusão digital, além das urgências e pressões de uma era ubíqua, de informações geradas continuamente, daí dar conta de tempo e racionalidade para selecioná-las e interpretá-las. Estabelece-se o caráter intrínseco e envolvente da comunicação, instrumentalizada pelas TICs, como participante da inteligência e na construção das relações dos indivíduos também no ambiente físico em que vivem, pois reflete no processo de aprendizagem, nas mudanças comportamentais, fortalecendo os meios para tornar os cidadãos participantes dos processos de construção da sociedade e contribui na criação de ambientes cognitivos inclusive em âmbito local como a cidade, capaz de gerar inovação, criatividade e conhecimento compartilhados.

## REFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE COMÉRCIO E DESENVOLVIMENTO - UNCTAD. **Relatório de Economia Criativa 2010**: economia criativa uma opção de desenvolvimento – Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. 424 p. Disponível em: <<https://goo.gl/12gMNS>> Acesso em: 29 dez 2017.

DEPARTMENT OF CULTURE, MEDIA AND SPORT – DCMS. Secretary of State's Foreword. Londres, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/bNryGY>>. Acesso em: 17 abr 2016.

- 
- FLORIDA, R. **A ascensão da classe criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- FRANÇA, V. V.; SIMÕES, P. G. A Escola de Chicago e o Interacionismo Simbólico. In: FRANÇA, V. V.; SIMÕES, P. G. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- KOMNINOS, N.; SEFERTZI, E.. **Intelligent Cities: R&D offshoring, web 2.0 product development and globalization of innovation systems**. Presented at the Second Knowledge Cities Summit, China, 2009. Disponível: <<https://goo.gl/4X4Pya>> Acesso em: 28 abr 2018.
- LANDRY, C. Cidade Criativa: A história de um conceito. In: REIS, A. C. F.; KAGEYAMA, P. (Org.). **Cidades criativas: perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/qNzXw3>> Acesso em: 11 abr 2018.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEMOS, A. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. **MATRIZES**, v.9, n.1, p. 29-51, 2015.
- Lemos, A. Smart Cities in Brazil. Experiences under way in Búzios, Porto Alegre and Rio de Janeiro. **Revista Comunicação Midiática**. Bauru/SP. Vol.10, No 3: set./dez. 2015, p. 21-39
- LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Sulina, 2010.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2007.
- PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1967.
- REIS, A. C. F. **Cidades Criativas: Análise de um conceito em formação e da pertinência da sua aplicação à cidade de São Paulo**. 2012. 312f. Tese de doutorado em Planejamento Urbano e Regional - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://goo.gl/ZzUBN2>>. Acesso em: 11 abr 2018.
- SANTAELLA, L. As ambivalências das cidades inteligentes. In: SANTAELLA, Lucia (Org.). **Cidades inteligentes: por que, para quem?** 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016, p. 24-37.
- SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.
- SELADA, C. (Orgs). **Índice de Cidades Inteligentes – Portugal**. Ed 1. INTELI – Inteligência em Inovação. Lisboa: Europress, 2012.
- TOWNSEND, A. M. **Smarts Cities: Big data, civic hackers, and the quest for a new utopia**. New York: W. W. Norton & Company, 2013.